

A produção intelectual face à *peste* brasileira

The Intellectual production face to the Brazilian plague

Rogério Quintella

A Revista Ecos lança seu número atual sem comemorações. Diante da *peste*, que até o momento (15/06/2021) já matou quase 500.000 brasileiros(as), nosso trabalho avança como uma forma de resistência. Resistência não apenas aos percalços biológicos e sociais que o coronavírus nos trouxe, mas sobretudo, resistência à ignorância que insiste em se sobrepunir a todo e qualquer conhecimento intelectual, científico, e a todo e qualquer bom senso. A *peste* brasileira vai além da disseminação em si desse vírus arrasador. Ela nos recorda o dizer de Freud sobre o inconsciente com suas pulsões sádicas que empurram para a destruição na relação com o gozo interdito. O inconsciente deflagra, em muitos pontos do lidar com o vírus, as tendências sádicas da existência humana - sem nenhuma dose de classificação aqui, dado que todo sujeito está a elas submetido. Cabe, contudo, a cada um escolher a maneira como dá destino a essas pulsões - elas podem aparecer, por exemplo, na aplicação direta do sadismo através da dor do outro ou de si mesmo, ou também no retorno do recalcado, na formação reativa, na sublimação, ou ainda no negacionismo.

O holocausto nazista é homólogo à negação brasileira dos efeitos arrasadores do coronavírus (guardadas suas especificidades). Seja pela impossibilidade de assimilar o trauma, seja pela vontade de aplicar o sadismo, o negacionismo do holocausto é um exemplo nada dissonante do que faz ecoar no Brasil os mais trágicos acontecimentos hiperatuais. Numa espécie de reedição desta força para a destruição, boa parte dos brasileiros lidam com a covid como se ela fosse um fator irrelevante que não faz nada mais do que atrapalhar a produção comercial e industrial. Eis a *peste* brasileira: a ignorância e a irresponsabilidade política e social diante do vírus que, somada à necropolítica, abandona ao caos o cuidado com a vida humana.

Além de ser um termo usado por Freud para falar do inconsciente, "A *peste*" é o título de uma das obras de Albert Camus, citada no ensaio aqui publicado *Epílogo para a peste e um diálogo a respeito*. O termo *peste* é também abordado no artigo *Almas sitiadas e os piratas da peste*. Ali somos desafiados a refletir sobre a tenebrosa realidade que nos assola para além do vírus.

Não obstante esta terrível realidade, a produção intelectual brasileira permanece viva, e luta cotidianamente contra a ignorância e o sadismo autorizado; contra a *peste* brasileira. Abrimos este número com dois ensaios sobre o contemporâneo que nos brinda na série "O que é ser contemporâneo hoje" iniciada na edição anterior da Revista. Antes de adentrar os artigos, apresentamos dois ensaios entusiásticos sobre o contemporâneo. O primeiro deles é o de Bárbara Breder Machado "O que é ser contemporâneo hoje? Ou em defesa de uma psicanálise engajada". O ensaio interroga sobre a posição da intelectualidade psicanalítica de hoje no engajamento político. Ali ela afirma que não há espaço para uma psicanálise que não esteja engajada politicamente em seu tempo, e defende tal engajamento como indicativo do que seja o contemporâneo em toda prática intelectual e clínica ligada ao pensar psicanalítico.

Rogério Quintella

Universidade Federal Fluminense

Professor Adjunto do curso de Psicologia; Editor da Revista Ecos; Autor do livro "O supereu canibal: compulsão, impulsão e o desmentido da privação na atualidade".

rrquintella@hotmail.com

Na esteira da discussão sobre o contemporâneo, o já citado ensaio de Paulo Alexandre Macedo Malafaia *Epílogo para A peste e um diálogo a respeito* discute sobre o valor da vida no mais-além do sentido que a religião visa sustentar. Referindo-se à obra de Camus *A peste*, passando por Nietzsche e outros autores, Paulo Malafaia interroga a relação humana com o cuidado pela vida sem fugir da peste. Fica o convite a esta instigante leitura que nos leva a pensar além do que parece óbvio na atualidade.

Iniciamos a seção de artigos com o trabalho de Nathachy Twane Gomes de Arruda com sua importante análise sobre o desejo de ser mãe que, para além da idealização e do encontro real com o filho, ao se defrontar com a castração, tem que mover um processo de luto para reconstruir, na nova situação, o desejo propriamente dito de ser mãe. Na sequência temos o artigo de Lucidalva Pereira Gonçalves, Almir Ferreira da Silva Júnior e Maria Olívia Serra que abordam a discussão de Hannah Arendt sobre a amizade. Uma importante reflexão para os dias atuais no que diz respeito à subjetividade humana.

Psicologia social e Epistemologias Afrodiaspóricas é o artigo seguinte que faz uma importante análise crítica sobre os processos de colonialidade relativas ao conhecimento e a epistemologia afrodiaspórica no Brasil. Seguimos com o texto de Adriely Oliveira Clarindo, Camila Lenhaus Detoni, Gabriela Silva Neves, Rafaela Wernek Arenari Martins que aborda o problema do assédio de René Lourau sobre sua esposa Françoise Lourau, numa discussão de perspectivas feministas decoloniais. Em seguida apresentamos o já citado texto *Almas sitiadas e os piratas da peste* que transita na discussão sobre a pandemia. É um texto original e importante para quem deseja pensar e debater sobre a *peste*. Numa perspectiva psicanalítica e social, o texto *A invisibilidade como sintoma da vulnerabilidade social* demonstra a importância de se ofertar escuta a moradores de bairros em condição de vulnerabilidade. Para Roberto Salbego Donicht e Andrea Fricke Duarte, a partir dos resultados de sua pesquisa, a invisibilidade social destrói o lugar de sujeito. Vale a pena ler.

O artigo de João Elton Jesus aborda o fenômeno contemporâneo do ser jovem e os discursos sobre as juventudes a partir de diversos saberes. Renata Carolina Rêgo Pinto de Oliveira discute numa perspectiva crítica o problema dos direitos sociais de detentos relacionados à lei de ressocialização, partindo de concepções foucaultianas sobre a questão prisional. Os dois últimos artigos são os de Paula Land Curi que levanta questões sobre a saúde pública relacionada à questão do aborto, apresentando um relato de pesquisa, e o de Fabrício de Siqueira Gonçalves e Fátima Siqueira Caropreso que fazem uma revisão da teoria de Freud sobre o ódio.

Toda essa produção intelectual, de alto valor para a sociedade brasileira, independentemente da concepção que cada artigo apresenta, convida a sociedade não apenas ao conhecimento em pesquisa, mas além disso, ao exercício da cidadania e da democracia. A Revista Ecos evoca a força democrática, fortalece a Universidade pública gratuita e de qualidade, oferece à comunidade intelectual um amplo espectro de conhecimentos no livre exercício da democracia, da diversidade de pensamento, bem como da diversidade de formas de vida. Trata-se aqui de defender e sustentar a livre expressão sem prejuízo da honra. Defendemos a construção de uma sociedade plural e sem tantas desigualdades, e da geração de um povo esclarecido cuja base primordial é a educação fundamental.

Assim, como um periódico do departamento de psicologia da UFF - Campos dos Goytacazes, a Revista Ecos, ao apresentar as produções dos diversos pesquisadores no Brasil, e em especial neste número, fomenta o espírito do conhecimento para além da *peste* que nos assola.

Rogério Quintella

Referência bibliográfica

CAMMUS, A. **A peste**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.